

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Cinema e Historiografia:

o atual debate sobre a Independência Norte-Americana¹

Renato Lopes Leite*

Resumo: A reflexão pretende analisar o sentido e as mudanças da identidade dos norte-americanos a partir da narrativa historiográfica e cinematográfica de alguns filmes sobre a Revolução da Independência dos Estados Unidos.

Palavras-chave: História intelectual – Teoria e historiografia.

Abstract: This reflection analyzes the sense of the identity of the North Americans from the historiography and cinematographic narrative of some films about the Independence of the United States.

Keywords: Intellectual history - Theory and historiography.

Esta reflexão é um produto de minha atual pesquisa sobre “Cipriano Barata e a liberdade republicana”, cujo foco central é verificar as transferências e adaptações intelectuais entre a Independência dos Estados Unidos e a Independência do Brasil, ou a influência do conceito de liberdade cívico-humanista.

Um dos problemas atuais de tal tema é o forte anti-americanismo em todo o mundo (pós-era Clinton-Bush) que dificulta ou obscurece o debate do passado da perspectiva do presente (RÜSEN, 2005: 9-40). Neste aspecto, é interessante verificar também que o cinema expõe seus temas através de uma narrativa cuja repercussão tem maior alcance que o discurso historiográfico (a explicação do historiador). Daí o interesse de utilizar o cinema como objeto de reflexão e também como linguagem que pode veicular a mensagem dos historiadores.

Normalmente tendemos a ver o cinema como meio de comunicação de massa, o que induz a uma série de idéias pré-concebidas. Como o preconceito de associar mídia e

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

* Professor Adjunto na Universidade Federal do Paraná - UFPR/Brasil. Fez pós-doutorado através da Universidade de Coimbra (2000). Pesquisador CNPq.

massa ao regime totalitário, hoje algo ultrapassado em particular devido ao revisionismo proposto pelo conceito cultura de massa (RIOUX, SIRINELLI: 2002). Nesse aspecto seria interessante ressaltar que o cinema, mesmo com a atual unanimidade do anti-americanismo, normalmente cativa o interesse pela cultura que a cinematografia representa (isto é, o respeito ou o interesse pelo jazz, pela arte pictórica, pela literatura e, claro, pelo cinema dos Estados Unidos). (Talvez esse seja um aspecto mais típico do anti-americanismo da 1ª metade do século XX). Ou seja, o cinema sempre se caracterizou por uma forte penetração ou repercussão. Hoje, mesmo com o forte e unânime anti-americanismo, ainda é perceptível um certo interesse pelo prestígio do cinema norte-americano.

Esses dois aspectos justificam o interesse pelo tema.

Para este texto procurei formular uma questão para nortear a análise da historiografia e do cinema sobre a Independência Norte-Americana, qual seja: a linguagem cinematográfica repercute a historiografia? Ou, há alguma relação entre as interpretações historiográficas e as narrativas cinematográficas?

Primeiramente foi possível verificar um grande corte ou ruptura da narrativa cinematográfica entre as décadas de 1960 e 1970. Principalmente no que concerne a representação do negro e do índio nas telas: ou seja, a partir dos anos 1970 há um declínio do gênero *cowboy* (marcado por um esteriótipo do indígena como alcoólatra, selvagem e violento), e a ascensão de filmes com uma representação do indígena com toda a sua dignidade cultural e humana. O filme *Broughtbrake Mountaim* sugere essa necessária reciclagem do gênero *cowboy*. É preciso ressaltar que o gênero *cowboy* foi muito utilizado para retratar a conquista do oeste dos EUA no século XIX, momento de sua consolidação ou institucionalização.

Um segundo ponto interessante é verificar que são poucos os filmes que retratam a Independência dos EUA. Como notou Marc Ferro, contrasta a existência de larga filmografia sobre a Guerra Civil e poucos filmes sobre a Independência (FERRO, 1981: 147-149).

Um terceiro ponto relevante é refletir sobre dois filmes que retratam o episódio da Independência dos EUA. São eles: 1] *Drums Along the Mohawk* (John Ford, 1939), e 2] *The Patriot* (Roland Emmerich, 2000). Chama a atenção, nos dois filmes, o uso da bandeira como símbolo patriótico. No 1º filme a bandeira Norte-Americana converte-se em símbolo da representação da união racial (branco, negro). E no 2º filme representa a glória, potência ou superioridade da nação (superioridade sobre o bárbaros e efeminados ingleses).

A seguir então vamos desenvolver a argumentação sobre este problema do

patriotismo sobre dois aspectos: o 1º, o patriotismo adotado pela cinema e, o 2º, as dissensões do atual debate historiográfico que tendem a ignorar ou minimizar o patriotismo dos pais fundadores.

Uma das principais correntes interpretativas da Independência dos EUA é formada pela historiografia contextualista (POCOCK, 1975: 506-552. BAYLIN, 2003. WOOD, 2004. APPLEBY, 2003. VIDAL, 2003. POCOCK, 2003: 323-362). Essa historiografia vê a Independência americana como um evento renascentista, influenciado pela tradição cívico-humanista de viés republicano-maquíveliano: um dos conceitos fortes dessa ideologia seria a noção de virtude, que pode ser entendida como relações de igualdade entre cidadãos envolvidos no governar e no ser governados, também como prática da vida ativa (Cícero) ou comando ativo dos cidadãos (iguais e dedicados ao bem público) em enfrentar os infortúnios, e ainda devoção ao bem público. Neste último sentido pode-se pensar em uma proximidade entre a *virtù* cívico-humanista e a posterior vulgarização da noção de “patriotismo”.

A interpretação de Gore Vidal, p. ex., é uma narrativa dramatizada onde Washington e os outros líderes proeminentes do federalismo desenvolvem ações titânicas, durante o período da Convenção de ratificação (1787-1788), para evitar a fragmentação da jovem república ou o fim da união. Ainda que para isso sejam praticamente obrigados pelas circunstâncias ou pelo contexto, a negociarem ou aceitarem a permanência da escravidão e do tráfico de escravos. É este o argumento central que norteia Gore Vidal e os outros historiadores desta corrente. O problema é que o cinema não avalizou esta interpretação. Até porque este viés se parece muito com o ufanismo tradicional dos pais fundadores.

Mas por outro lado surgiu/há/fez-se recentemente um filme que se baseou/valorizou exatamente a versão oposta: a historiografia pós-moderna ou multiculturalista. Trata-se do filme *Jefferson in Paris* (James Ivory, 1995), cujo argumento central é o sexismo de Jefferson, pai de 5 filhos cuja mãe era uma escrava. O objetivo desta historiografia (manifesta no filme) naturalmente é questionar a noção de liberdade e democracia deste que é o mais radical (no sentido de procurar estender as liberdades às minorias ou desfavorecidos) pensador do republicanismo dos EUA.

A vertente multiculturalista da historiografia pós-moderna critica fortemente, portanto, os pais fundadores da pátria Norte-Americana (WIENCEK, 2003. WILLS, 2003. BERAN, 2003. BERNSTEIN, 2003). Há pois um declínio ou mal estar com relação a tudo o que o termo patriotismo representa, ainda que seja aquela noção de virtude florentina e maquíveliana que desapareceu no século XVIII. O argumento central desta interpretação

multiculturalista é o absurdo da manutenção da escravidão quando da Independência. Ou seja, a atual geração (ou público, ou comunidade) encara o fato “Independência” da perspectiva da década de 1960, isto é, a partir das conquistas do movimento dos direitos civis dos negros (e outras minorias). Há pois uma re-leitura do passado realizada por esta historiografia multiculturalista, que é uma representação muito forte pois conta com a adesão da comunidade. De modo que, hoje, há uma acesa polêmica entre historiadores contextualistas e historiadores multiculturalistas.

Os contextualistas procuram criticar essa interpretação multiculturalista. Bernard Bailyn, p. ex., argumenta que é necessário contextualizar. Gordon Wood descarta os exageros, deturpações e adulterações interpretativas da historiografia multiculturalista. E fez também uma biografia de Benjamin Franklin com sabor pitoresco de romance, mas que sugere trazer para o 1º plano o pai fundador que tem origem pobre e, além de antiescravista, e não proprietário de escravos, não é ambivalente e trabalha pelo fim da escravidão. Gore Vidal também repete o argumento, só que através de uma dramatização em estilo de romance, segundo a qual acabar com a escravidão faria os estados do Sul saírem da união federal: ou seja, argumenta no sentido de recuperar o contexto.

O cinema, por fim, não considerou esta versão historiográfica do humanismo cívico. Há, talvez, algumas contradições ou ambivalências, pois filmes que se aproveitam dos avanços do multiculturalismo, como *O Patriota*, estrelado por Mel Gibson, apresentam também forte apelo patriótico (mas não no sentido de virtude cívica). Nele há um personagem negro que aparece com toda a dignidade, heroísmo e caráter, que reiteradas vezes menciona a promessa de liberdade por agregar-se ao exército. No filme, os principais argumentos da historiografia contextualista, como a noção renascentista de virtude como coragem, não aparecem. Nenhum pai fundador ou panfletário importante é mencionado. Mas há um apelo extremamente patriótico com a bandeira, numa cena em batalha no final do filme. Ou seja, o patriotismo no sentido de devoção a coisa pública, que aparece na retórica dos pais fundadores, e é um dos argumentos centrais do contextualismo, e é ironizado pelos multiculturalistas, surge num momento que marca o clímax do filme, através da exposição de uma mera imagem: a bandeira dos EUA. Ela aparece na tela por vários minutos e realiza um apelo patriótico. Na cena, Mel Gibson apanha a bandeira do chão. Bandeira em punha, ele corre em câmera lenta e reorganiza o exército, elimina com a haste da bandeira seu principal desafeto, e vence a batalha.

Tal imagem de glorificação através da imagem da bandeira é uma releitura de um filme de 1939, *Drums Along the Mohawk* (John Ford). Neste filme a bandeira surge como

imagem final do filme, e simboliza a união racial talvez desejada pelo diretor do filme. Nesta última cena a câmera perpassa um casal branco, um índico e um negro, e sobe em direção à torre da igreja, onde um soldado finca a bandeira e o filme acaba.

Em conclusão, é o patriotismo não-virtuoso que permanece (através do apelo emocional e simbólico à bandeira). Mas as narrativas dos filmes absorveram e incorporaram a crítica ao sexismo, preconceito e escravismo, de modo que percebe-se um certo mal estar no tratamento dos pais fundadores. Na era do “politicamente correto” talvez seja difícil narrar no cinema os debates sobre as virtudes da república, ou o contexto proposto pela historiografia cívico-humanista.

O cinema parece preferir, assim, aproveitar apenas elementos da historiografia. Prefere explorar pólos do debate, de modo a repercutir mais o juízo ou interpretação predominante na comunidade sobre o passado.

Referências bibliográficas:

- APPLEBY, Joyce. *Thomas Jefferson*. New York : Times Books, 2003.
- BAILYN, Bernard. *To Begin the World Anew: the genius and ambiguities of the American founders*. New York : Knopf, 2003.
- BERAN, Michael Knox. *Jefferson's demons: Portrait of a Restless Mind*. New York: Free Press, 2003.
- BERNSTEIN, R. B. *Thomas Jefferson*. New York: Oxford University Press, 2003.
- FERRO, Marc. *Cinema and History*. Detroit : Wayne State University Press, 1981.
- POCOCK, John. *Linguagens do ideário político*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- POCOCK, John. *The Machiavellian Moment: Florentine political thought and the Atlantic Republican tradition*. New Jersey / Chichester : Princeton University Press, 1975.
- RIOUX, Jean-Pierre Rioux. SIRINELLI, Jean-François (org). *La Culture de masse: En France de la Belle Epoque à aujourd'hui*. Paris : Fayard, 2002.
- RÜSEN, Jörn. *History: Narration, Interpretation, Orientation (Making Sense of History)*. New York : Berghan Books, 2005.
- VIDAL, Gore. *Inventing a Nation*. New Haven : Yale University Press, 2003.
- WIENCEK, Henry. *An imperfect God: George Washington, His Slaves, and the Creation of America*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 2003.
- WILLS, Garry. *'Negro President': Jefferson and the Slave Power*. Boston: Houghton Mifflin

Company, 2003.

WOOD, Gordon. *The Americanization of Benjamin Franklin*. New York : Penguin Press, 2004.